

“Boa Sorte”, de Carolina Jabor, com Deborah Secco

PAULÍNIA – Talvez Deborah Secco tenha pensado em nomes como Cameron Diaz (“Quero Ser John Malkovich”), Charlize Theron (“Monster – Desejo Assassino”), Halle Berry (“A Última Ceia”) ao aceitar o papel de Judite no filme “Boa Sorte”, de Carolina Jabor, exibido na noite de quinta-feira no 6º Paulínia Film Festival.

Todas elas saíram da condição de ser apenas uma ex-modelo se aventurando no cinema, presas à condição de um “rostinho bonito”, para ganhar o reconhecimento de seus pares e fugir das limitações que o estereótipo impõe valendo-se da transformação física, o que já levou muitos astros a emagrecerem, engordarem ou simplesmente ficarem feios.

Mas o que falta em “Boa Sorte” é fazer dessa mudança algo crível que não perdurará mais do que cinco minutos na cabeça do espectador, que, passada a surpresa inicial, não verá mais um ator transformado e sim um complexo personagem que contribuirá decisivamente para a proposta narrativa do filme.

Não é culpa de Deborah – de corpo esquelético como uma portadora do vírus HIV que está internada numa clínica psiquiátrica – que esse objetivo não seja alcançado. O texto, baseado no conto “Frontal com Fanta”, do cineasta gaúcho Jorge Furtado, é cheio de inconsistências, calcados especialmente na frouxidão como alguns dos temas são apresentados.

O filme nos remete primeiramente a “Garota, Interrompida” (1999), em que Angelina Jolie – ganhadora do Oscar de atriz coadjuvante por esse personagem – interpreta uma sedutora e perigosa paciente que ajuda Winona Ryder a deixar a sua redoma de pessoa solitária e incompreendida para conhecer um outro mundo, sem rótulos ou privações.

É mais ou menos a função que Judite exerce sobre João (João Pedro Zappa), um garoto que vive uma realidade à parte de sua família e que precisa ingerir um remédio tarja preta e misturá-lo com refrigerante para seguir vivendo até ser internado numa clínica. Ao conhecer Judite, ele logo é envolvido por sua personalidade forte e libertária.

Os pequenos golpes (roubos de remédio e corrupção dos enfermeiros) acabam explicitando um novo olhar, de dentro para fora, em torno de famílias fragmentadas e antidepressivos receitados como fuga da dura realidade. Esse mote sustenta a primeira metade de “Boa Sorte”, que tropeça ao abrir espaço para outro filão: o drama de passagem.

A trama deixa para trás esse confronto com uma sociedade de aparências para resumir os problemas de João à primeira vez, como se a liberação dos hormônios fosse a melhor solução para eles, não percebendo que o encantamento não está no sexo em si, mas nessa maneira como Judite se relaciona com o seu corpo doente.

É essa escolha que determina a atuação de Deborah Secco, já que a diretora preferiu expor demais o corpo da atriz como algo sexualizado e menos como condutor dos conflitos interiores da personagem, em que ele é apenas uma forma de Judite se sabotar e se punir. Um “grito” frágil numa sociedade tão moribunda quanto ela.